

## UMA LEITURA DE *LAVOURA ARCAICA* A PARTIR DO DIALOGISMO

### A READING OF *LAVOURA ARCAICA* BASED ON DIALOGISM

### UNA LECTURA DE *LAVOURA ARCAICA* BASADA EM EL DIALOGISMO

Jorge Witt de Mendonça Junior (UFRN)<sup>1</sup>

[witt.junior@gmail.com](mailto:witt.junior@gmail.com)

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior (UFRN)<sup>2</sup>

[junori36@gmail.com](mailto:junori36@gmail.com)

#### Resumo

O romance *Lavoura Arcaica* narra a história do personagem André que retorna ao convívio da família após permanecer um tempo afastado - bem como a sua relação com seus familiares. Partindo do entendimento de Bakhtin sobre o gênero romanesco, para o qual é possível apontar, entre as características do romance, a diversidade de linguagens, este trabalho busca identificar as vozes que atuam na narrativa e sua influência na formação ideológica do personagem. Serão apresentados alguns apontamentos teórico-metodológicos que situam a literatura no diálogo com a cultura, além do conceito bakhtiniano de heterodiscurso em uma discussão teórica. Com base nesse arcabouço teórico, será analisada, no romance, a presença de diferentes vozes e linguagens e a tensão dialógica entre elas. Como resultado, foi possível observar a presença de construções híbridas na materialidade do texto, bem como a ocorrência de diferentes vozes e valores sociais nessas construções - como, por exemplo, nos diálogos entre André e seus familiares; ou ainda no conflito entre valores como o sagrado e o profano. Conclui-se que a relação entre André e seu pai se apresenta de modo a construir um discurso autoritário que se expande para os outros membros da família, intensificando a incomunicabilidade entre os personagens.

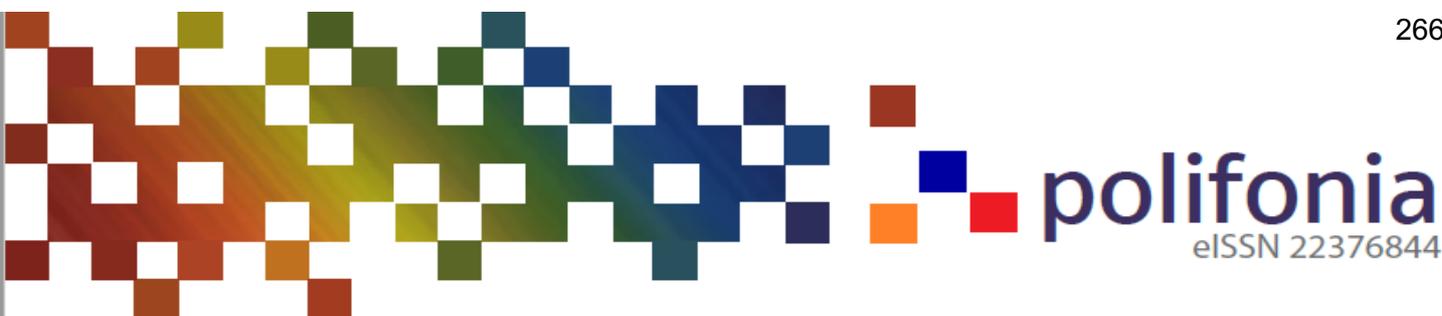
**Palavras-chave:** Dialogismo, Discurso autoritário, *Lavoura Arcaica*.

#### Abstract

The novel *Lavoura Arcaica* tells the story of the character André, who returns to his family after spending time away - as well as his relationship with his family. Starting from the Bakhtinian understanding of the novel, according to which we can point out, among the novel's characteristics, the diversity of languages, this paper aims to identify the voices that operate in the narrative and their influence on the ideological formation of the character. It will also present some theoretical and methodological notes that situate literature in dialogue with culture, as well as the Bakhtinian concept of heterodiscourse in a theoretical discussion. Based on this theoretical framework, the analysis of the novel will focus on the presence of different voices and languages and the

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. E-mail: [witt.junior@gmail.com](mailto:witt.junior@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. E-mail: [junori36@cchla.ufrn.br](mailto:junori36@cchla.ufrn.br).



dialogical tension between them. Throughout the research, it was possible to observe the presence of hybrid constructions in the materiality of the text, as well as the occurrence of different voices and social values in these constructions, such as in the dialogues between André and his family members, or yet in the conflict between values, such as the sacred and the profane. It is possible to conclude that the relationship between André and his father is presented in order to build an authoritarian discourse that expands to the other members of the family, intensifying the incommunicability between the characters.

**Key-words:** Dialogism, Authoritative discourse, Lavoura Arcaica.

### Resumen

La novela *Lavoura Arcaica* cuenta la historia del personaje de André que regresa a la familia después de pasar un tiempo lejos, así como su relación con su familia. Partiendo de la definición bakhtiniana de romance, para la cual, entre las características de la novela, podemos señalar la diversidad de lenguajes: proponemos identificar las voces que actúan en la narrativa y cómo influyen en la formación ideológica del personaje. Presentamos algunas notas metodológicas que colocan la literatura en diálogo con la cultura, además del concepto bakhtiniano de heterodiscurso en una discusión teórica. A continuación, presentamos un análisis de la novela en el que buscamos tanto la presencia de diferentes voces y lenguajes como la tensión dialógica entre ellos. A lo largo de la investigación, fue posible observar la presencia de construcciones híbridas en la materialidad del texto, así como la aparición de diferentes voces y valores sociales en estas construcciones, como, por ejemplo, en los diálogos entre André y su familia; o incluso en el conflicto entre valores como lo sagrado y lo profano. Llegamos a la conclusión de que la relación entre André y su padre se presenta para construir un discurso autoritario que se expanda a los otros miembros de la familia, intensificando la incommunicabilidad entre los personajes.

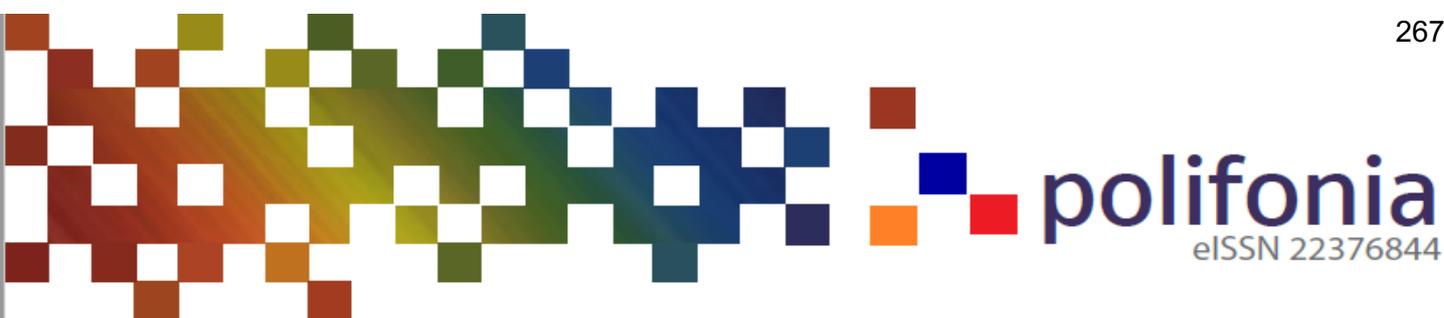
**Palabras-clave:** Dialogismo, Discurso autoritario, Lavoura Arcaica.

## 1 Introdução

O romance *Lavoura Arcaica*, escrito por Raduan Nassar e publicado em 1975, apresenta, em sua narrativa, diversas presenças fortes da realidade familiar do seu personagem principal, André. Com isso, acaba por desenvolver-se na interação dessas presenças – seja pelas suas vozes ou por seus valores.

Esse romance já foi analisado a partir de diversas perspectivas e em diversos trabalhos, como teses, dissertações, artigos etc. Entre os artigos, podemos citar alguns temas centrais, como a memória (FLORENTINO, 2002), o estilo, com ênfase no uso de metáforas (LOTITO, 2007), a psicanálise (TARDIVO, 2008), a transgressão e o mito (SANTOS, 2015), entre vários outros. No campo dos estudos dialógicos, embasados na obra do Círculo (de Bakhtin),<sup>3</sup> encontramos estudos que analisam o romance a partir de conceitos como o poético e o tom emocional-volitivo (MOTA, 2013), o uso de provérbios (MOTA, 2016), cronotopo (CARDOSO, 2019), entre outros.

<sup>3</sup> Segundo Brait e Campos (2009), o Círculo de Bakhtin foi um nome dado ao “conjunto de intelectuais, cientistas e artistas [russos] que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais”. Entre eles destacam-se Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, cujas obras têm sido traduzidas em várias línguas e, entre elas, o português brasileiro, sendo Paulo Bezerra um dos tradutores expoentes da sua obra.



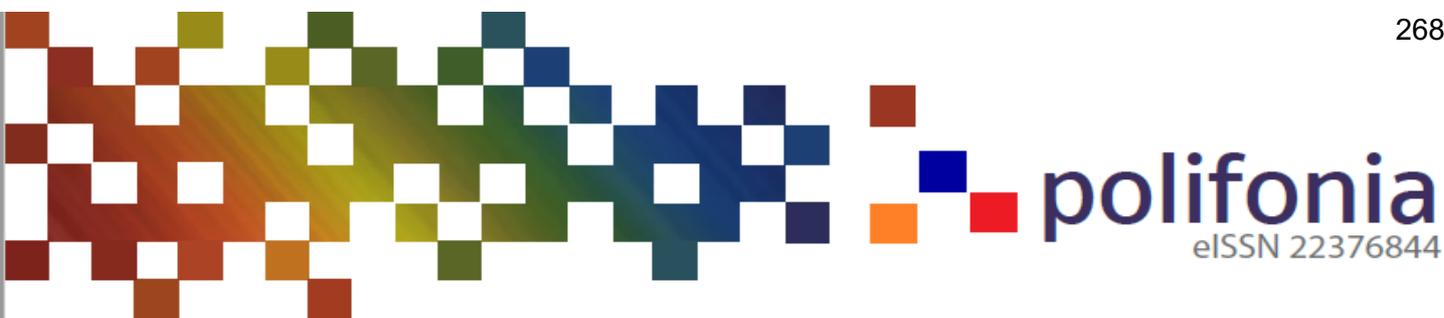
Participando, portanto, dessa fortuna crítica riquíssima sobre o romance nassariano, nossa pesquisa objetiva identificar vozes e valores ao longo do romance de modo a entender a sua estrutura enquanto representação da realidade por meio da qual essas instâncias dialogam em uma tensão entre os sentidos da obra. Propomos, dessa forma, a partir do entendimento da obra, uma análise de como o diálogo entre seus sentidos influencia a formação ideológica do personagem (em meio ao conflito de valores da família).

Esta pesquisa tem, como base, o aporte teórico do dialogismo em Bakhtin, a partir do qual serão feitas algumas considerações sobre a relação dialógica entre a representação literária e a sociedade, a vida, bem como sobre o lugar da cultura nesse diálogo. Além disso, serão discutidos, mesmo que brevemente, conceitos pertinentes ao gênero romanesco, como o heterodiscurso e o discurso autoritário na formação dos valores do personagem principal. Para o desenvolvimento da análise desta pesquisa, utilizaremos como metodologia principalmente alguns apontamentos de Bakhtin (2017a; 2017b, 2018), apresentados de forma distribuída nas obras do Círculo, bem como sua concepção a estético-sociológica do romance no dialogismo (BAKHTIN, 2015). A metodologia bakhtiniana consiste de um trabalho com foco na compreensão ativo-dialógica da obra, que parte do tempo/contexto da sua produção em direção ao tempo/contexto da sua contemplação, sobretudo no seu vínculo com a cultura na qual está inserida.

Para alcançarmos os objetivos propostos neste trabalho, este artigo será dividido em três outras seções, a saber, os apontamentos teórico-metodológicos, a análise do diálogo de vozes no romance e as considerações finais. Passemos, portanto, à discussão teórica.

## **2 Apontamentos teórico-metodológicos para uma análise dialógica da literatura**

O grupo de teóricos russos que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin desenvolveu uma série de trabalhos voltados para as ciências humanas e, mais especificamente no nosso caso, para o campo da ciência da literatura que, como nos lembra Bezerra (2017, p. 9), “sintetiza história da literatura, teoria da literatura e crítica literária, três áreas correlatas da investigação literária”. Como podemos perceber pela produção teórica do Círculo, as obras

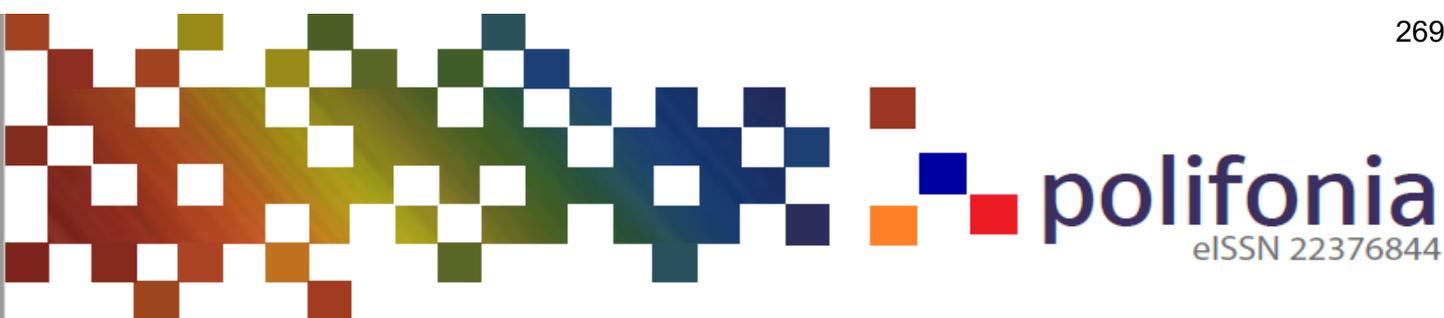


apresentavam procedimentos metodológicos de forma esparsa e distribuída ao longo dos textos, de modo que nosso objetivo com esse capítulo será discutir uma metodologia de análise a partir do campo epistemológico do dialogismo e, em seguida, desenvolvê-la na obra em questão.

No campo do dialogismo, é de suma importância situar o lugar da literatura para qualquer proposta de análise. A discussão que envolve a questão do lugar da literatura pode ter sua origem traçada até as noções que determinam o que seria o mundo em que nós vivemos e a sua forma representada na literatura. Essas ideias e, sobretudo, a relação problemática entre elas apresentam-se sob diversas modalidades, a saber: o mundo representado e o mundo que representa, o autor-criador da obra e o autor-pessoa, o ouvinte-leitor entre as épocas e o ouvinte-leitor em sua contemporaneidade. A proposta bakhtiniana expressa o quão inaceitável seria uma confusão entre essas instâncias (BAKHTIN, 2018). Para nossa proposta, limitar-nos-emos a discutir a relação entre o mundo real e o mundo representado na obra, levando em consideração que, segundo Bakhtin (2018, p. 231), “Todas as confusões desse gênero são totalmente inadmissíveis em termos metodológicos”. Partindo da discussão sobre o que está situado na realidade e o que se encontra na literatura, nós chegamos ao problema de estabelecer uma relação de causalidade entre a sociedade e a literatura. Para Bakhtin (2017b), não podemos fazer uma associação direta entre fatores socioeconômicos e a literatura. Não seria possível, por exemplo, afirmar que uma obra publicada durante o regime militar no Brasil, na segunda metade do século XX, foi causada diretamente por esse período da história e suas implicações socioeconômicas. Esse procedimento implica em uma preterição de todo o campo da cultura. No dialogismo, não podemos passar da sociedade (mundo real) diretamente para a literatura (mundo representado) sem passar pela cultura (BAKHTIN, 2017b). Vale salientar que, no campo teórico bakhtiniano, como nos lembra Arán (2016, p. 50), consideramos “[...] a cultura como construção incessante de sentido que é própria do fazer humano: todo ato humano refrata (ao tempo em que realiza) a esfera da cultura em alguma de suas ilimitadas dimensões e fronteiras”<sup>4</sup>. Essa premissa aponta para a primeira de duas tarefas apresentadas por Bakhtin

---

<sup>4</sup> No original: “la cultura como construcción incesante de sentido que es propia del hacer humano: todo acto humano refracta (al tiempo que realiza) la esfera de la cultura en alguna de sus ilimitadas dimensiones y fronteras”.



(2017a) no texto “A ciência da literatura hoje”, que pode nos esclarecer alguns apontamentos metodológicos. De acordo com Bakhtin (2017a, p. 11):

Antes de mais nada, a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passando, por assim dizer, por cima da cultura. Esses fatores agem sobre a cultura no seu todo e só através dela e junto com ela influenciam a literatura.

Essa mesma premissa, ou seja, a de que no exercício da ciência da literatura devemos tomá-la como parte integrante de uma cultura que sofre a influência de fatores socioeconômicos e, apenas dessa forma, influencia a literatura, é reforçada por Bakhtin (2017b, p. 32) no texto que foi publicado com o título “Fragmentos dos anos 1970-1971”: “A literatura é parte inalienável da integridade da cultura, ela não pode ser estudada fora do contexto integral da cultura”.

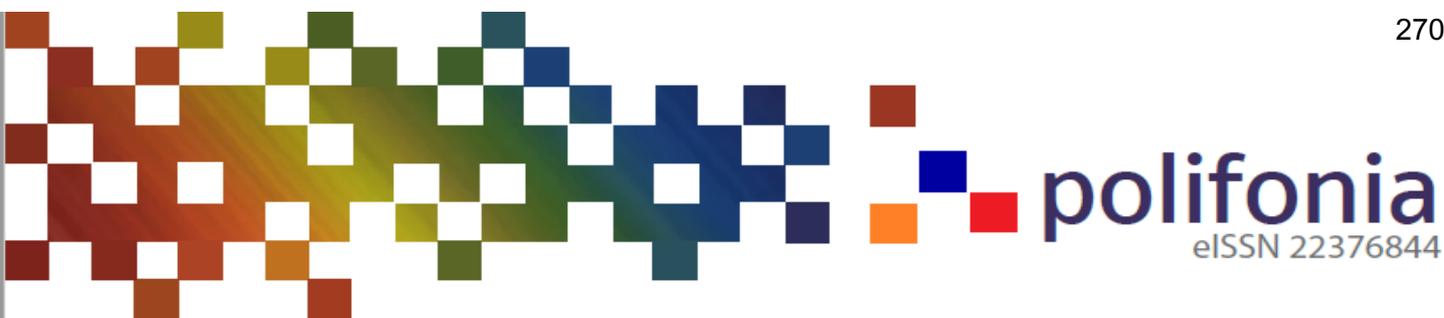
A segunda tarefa apresentada por Bakhtin (2017a, p. 13) seria descrita da seguinte forma: “Se não se pode estudar a literatura isolada de toda cultura de uma época, é ainda mais nocivo fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada atualidade”. A sua proposta procura evitar os extremos, ou seja, não devemos preterir a cultura de uma época, mas também não devemos nos fixar exclusivamente a ela. Não nos afastamos demasiadamente do tempo da obra e tampouco nos contentamos somente com ele.

No texto citado anteriormente, “Fragmentos dos anos 1970-1971”, Bakhtin (2017b) descreve a análise literária em dois momentos que se apresentam em consonância com as tarefas anteriormente mencionadas. A saber:

A primeira tarefa é compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele. A solução dessa tarefa é muito difícil e costuma exigir a mobilização de um imenso material.

A segunda tarefa é utilizar a sua distância (*vnienkhodímost*) temporal e cultural. Inclusão no nosso (alheio para o autor) contexto (BAKHTIN, 2017b, p. 40).

Ao combinar esses procedimentos, nós chegamos à posição do intérprete/analista no processo de compreensão do texto. Uma vez que a distância temporal de quem interpreta deve ser levada em consideração juntamente com a compreensão no tempo do autor, e o intérprete e o autor estão em contextos (de ordem temporal, social, entre outros) diferentes, a função de



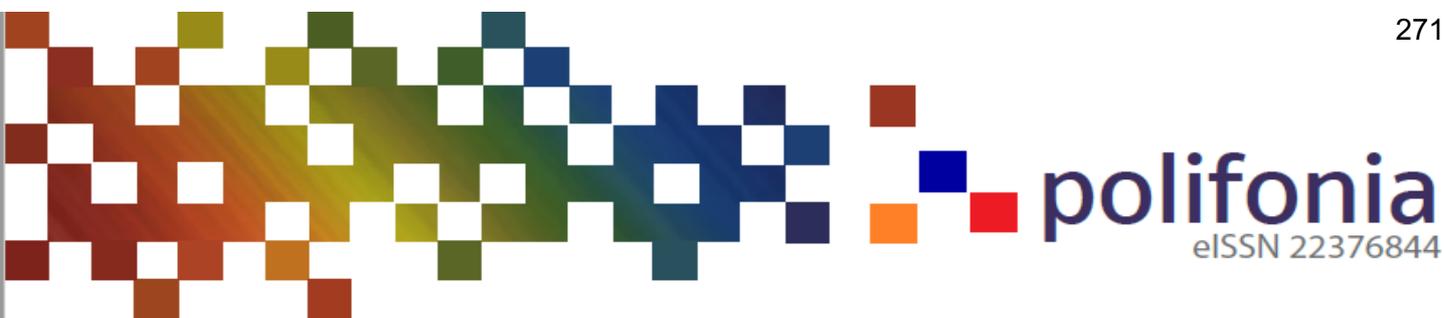
quem aborda a obra é justamente acrescentar aos seus sentidos, ampliando sua compreensão. De acordo com Bezerra (2017, p. 95), referindo-se à compreensão de uma obra: “o intérprete, que tem a seu favor um conjunto de novos conhecimentos produzidos no grande tempo, logo, inexistentes na época de criação da obra, pode e deve compreendê-la melhor do que o próprio autor a compreendia”. O intérprete deve somar ao sentido da obra considerando a sua potencialidade em constante renovação no tempo. Basta voltarmos às palavras de Bakhtin (2017b, p. 41): “O sentido é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro)”. O contexto do intérprete, em sua distância do contexto da obra, propicia a ampliação dos seus sentidos no diálogo que se desenvolve entre eles (intérprete e obra). Também é necessário lembrar que o diálogo entre esses dois pontos no tempo, o intérprete e a obra, também se apresenta como uma comunicação entre culturas. Uma proposta metodológica precisa levar em consideração que: “nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN, 2017a, p. 19; grifos do autor).

A distância do intérprete em relação à obra (seja de ordem temporal ou cultural) dispõe de um caráter decisivo no processo de análise da obra. Como afirma Bakhtin (2017a, p. 16): “O autor é prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e a ciência da literatura tem a incumbência de ajudá-lo nessa libertação”. Entendemos por “libertação” justamente essa ampliação dos sentidos potencialmente infinitos da obra ao longo do tempo. A saber:

A atualidade mantém o seu significado imenso e em muitos sentidos decisivo. A análise científica pode partir apenas dela e em seu subsequente desenvolvimento sempre deve ser verificada com base nela. Como já dissemos, uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no *grande tempo* (BAKHTIN, 2017a, p. 16; grifos do autor).

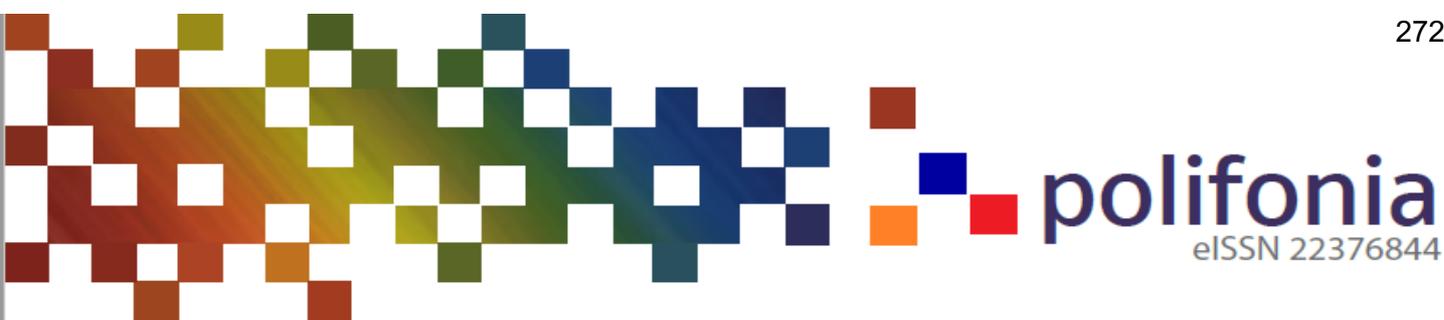
Passamos a seguir para algumas considerações metodológicas voltadas para o gênero romanesco.

Entre os conceitos bakhtinianos de maior amplitude para o estudo da prosa literária, está o de heterodiscurso. A sua concepção é apresentada em umas das definições do gênero romanesco presentes no texto “O discurso no romance”, a saber:



*O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), pois bem, a estratificação interna de cada língua em cada momento de sua existência histórica é a premissa indispensável do gênero romanesco (BAKHTIN, 2015, 29-30; grifos do autor).*

O heterodiscurso, portanto, seria justamente essa diversidade de linguagens sociais que possibilitam a existência do romance em sua orientação artística. Enquanto sua premissa inicial, o grau de heterodiscursividade presente nas grandes obras é o fundamento que as constrói enquanto representantes do gênero romance (BAKHTIN, 2015). Uma vez que nossa análise busca compreender uma obra romanesca, apontamos em que, segundo Bakhtin (2015, p. 231), consiste uma análise estilística: “O romance fornece um sistema literário de linguagens, mais exatamente, de representações de linguagens, e a tarefa real de sua análise estilística consiste em descobrir todas as linguagens orquestradoras presentes na composição do romance”. O autor apresenta ainda outros passos metodológicos, tais quais: compreender o distanciamento entre essas linguagens e suas inter-relações dialógicas (BAKHTIN, 2015). Quando nos propomos a descobrir as linguagens que orquestram o romance, faz-se necessário lembrar-se da questão do lugar da literatura em relação à realidade, que discutimos anteriormente, evitando qualquer confusão entre essas instâncias. Nesse sentido, segundo Bakhtin (2015, p. 232), podemos afirmar o seguinte: “A penetração ideológico-literária no todo do romance sempre deve orientar sua análise estilística. Aí não se pode esquecer que as linguagens inseridas no romance são enformadas em representações literárias das linguagens (não se trata de dados linguísticos crus)”. Ou seja, o heterodiscurso que propicia a diversidade linguística do romance fornece essa diversidade para que ela seja representada na obra, trazida para dentro da obra; logo, estamos tratando de representações que se situam na realidade literária do romance. Bakhtin (2015, p. 233) aponta ainda para a importância de compreender o heterodiscurso da época a qual pertence a obra: “Fora da compreensão profunda do heterodiscurso, do diálogo de linguagens de dada época, a análise estilística do romance não pode ser eficiente”. Entender a diversidade discursiva da época nos permite, por exemplo, uma compreensão maior da obra, assim como a compreendeu o próprio autor (BAKHTIN,



2017b).

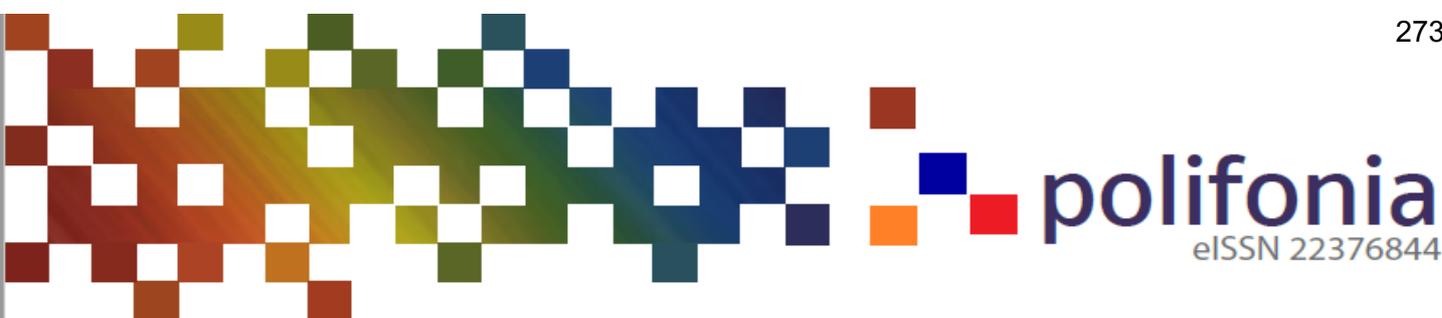
Mediante os apontamentos metodológicos desenvolvidos anteriormente, seguimos para a análise da obra *Lavoura Arcaica* pelo prisma do dialogismo.

### 3 O diálogo de vozes em *Lavoura Arcaica*

O romance *Lavoura Arcaica* foi escrito por Raduan Nassar e publicado no ano de 1975. Sua narrativa apresenta, como personagem principal, André, que saiu de sua casa para escapar do convívio com a sua família em meio ao qual ele não podia mais continuar vivendo. O romance inicia-se quando André é encontrado por seu irmão, Pedro, que o convence a retornar para casa. Sendo proveniente da realidade de uma família de intensos costumes religiosos e que sobrevive da agricultura, André cresceu em meio a sua divergência em relação aos outros. Essa divergência o sufocava, de modo que, a certa altura de sua vida, ele decide ir embora. A narrativa pode ser dividida entre o momento no qual o seu irmão o convence de retornar; e aquele no qual se apresentam os eventos que se seguem ao seu retorno. Em meio aos encontros com seus familiares ao longo da narrativa, é possível perceber uma constante incomunicabilidade entre os personagens. As vozes e valores que incorporam a presença do pai, do irmão, ou da mãe, por exemplo, se colocam em diálogo com a voz de André; e, nessa interação, observamos tanto a formação da consciência ideológica dele, ou seja, sua formação ideológica, como também da sua forma de expressar-se, sua linguagem - que constrói a estrutura da narrativa.

O conceito de formação ideológica está presente no capítulo em que Bakhtin (2015) discute o falante no romance. Segundo o autor, o falante, objeto da “representação verbalizada e ficcional” (p. 124), é “*essencialmente social*, historicamente concreto e definido” (p. 124; grifo do autor). Diante disso, a sua fala ou o seu discurso é também uma linguagem social, preenchida axiologicamente; é, portanto, um ideograma: “a linguagem particular do romance é sempre um ponto de vista peculiar sobre o mundo, que aspira a uma significação social” (BAKHTIN, 2015, p. 125).

Nesse contexto, o autor russo discute o processo de assimilação do discurso do outro no processo de formação ideológica do homem/personagem, que determina os fundamentos



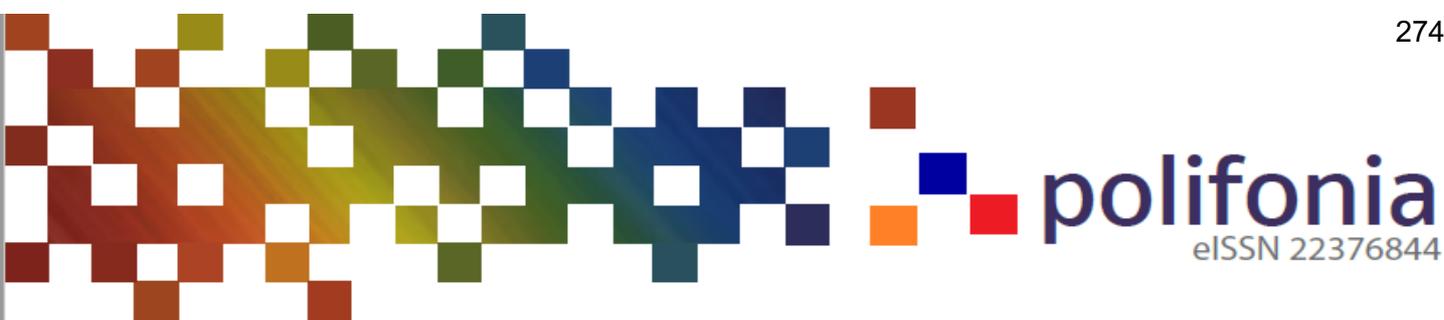
da relação ideológica desse homem/personagem com o mundo. Dessa forma, o discurso do outro pode atuar como um discurso autoritário, como o religioso, político, moral etc., e o discurso interiormente persuasivo, que se entrelaça, sem barreiras de autoritarismo, aos discursos interiores do homem. Para Bakhtin (2015), a história da consciência ideológica individual se dá por meio da luta e das relações dialógicas entre essas categorias. Nesse sentido, ele esclarece que a formação ideológica é “essa tensa luta que [...] se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas” (BAKHTIN, 2015, p. 140).

O romance *Lavoura Arcaica* é narrado, em sua maioria, em primeira pessoa, o que nos possibilita observar a narrativa pela perspectiva de André. As interações presentes no texto acabam concentrando-se no diálogo entre ele e os outros personagens. Entretanto, mesmo antes de qualquer interação entre personagens, nós podemos observar a introdução de diferentes discursos na narrativa. Como é possível notar no trecho a seguir:

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo (NASSAR, 2016, p. 11).

Nesse trecho, que inicia a primeira página, podemos notar a presença de dois valores que vão permear toda a obra, a saber: o sagrado e o profano, além da metáfora recorrente que relaciona o indivíduo a uma planta. Os termos “nudez”, “palma da mão” (que, tomaremos conhecimento mais à frente, indica o ato da masturbação) e “objetos do corpo” compõem uma atmosfera física e profana. Porém, eles só adquirem esse sentido ao se posicionarem em diálogo com termos como: “quarto catedral” e “consagra”. Esses termos carregam em si valores ideológicos que instauram a noção de sagrado e, conseqüentemente, transformam os termos anteriores em valores profanos. Entre esse diálogo de discursos, percebemos que o narrador, o próprio personagem, constrói um ambiente figurativo por meio do qual os valores ganham forma. Esse ambiente é observável principalmente no uso da metáfora da planta, presente nos termos: “colhe”, “caule”, por exemplo.

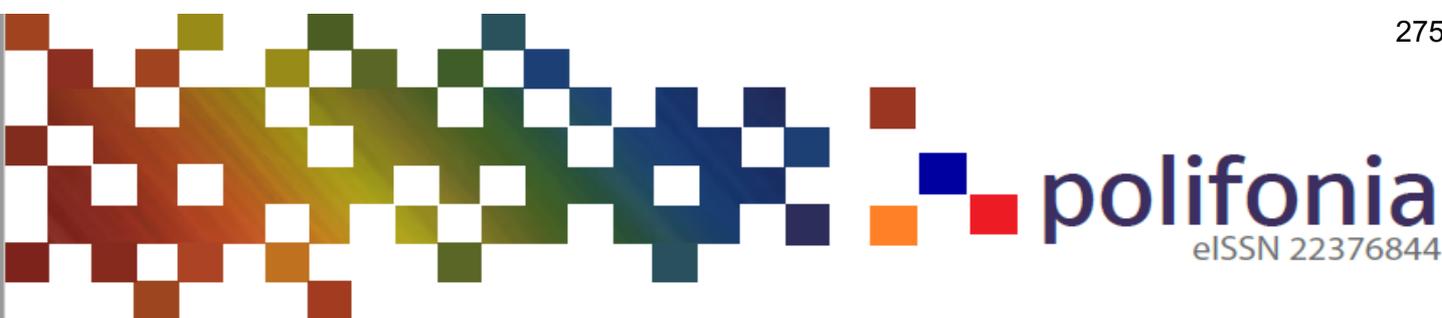
Como observamos anteriormente na definição do gênero apresentada por Bakhtin (2015), duas das instâncias que compõem a realidade romanesca são: um heterodiscurso



social orientado de forma artística e uma variedade de vozes. Assim, o romance em questão apresenta, no primeiro capítulo, duas vozes em diálogo, isto é, duas linguagens personificadas na presença de André e seu irmão, e nos discursos e valores que os acompanham. Observemos o trecho a seguir:

Era meu irmão mais velho que estava na porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um espaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era, e não nos dizíamos nada, até que ele estendeu os braços e fechou em silêncio as mãos fortes nos meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo, e eu vi de repente seus olhos se molharem, e foi então que ele me abraçou, e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira (NASSAR, 2016, p. 13).

Mais uma vez, o narrador utiliza a metáfora para associar o sujeito com uma planta, como podemos observar no uso do termo “terra seca”. Esse termo adiciona uma carga semântica ao diálogo entre os dois que indica a infertilidade comunicativa entre André e o seu irmão. Há uma incomunicabilidade cujo valor de sentido incorpora a narrativa por meio da metáfora e da relação entre os dois. Como dizíamos anteriormente, as duas vozes estão em constante tensão dialógica entre si, porém, elas apontam para outros valores além daqueles associados imediatamente ao silêncio entre os dois. Quando lemos o trecho: “eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira” (NASSAR, 2016, p. 13), podemos perceber que, partindo de André para o irmão, o diálogo retorna com a associação da família inteira. Essa relação de valor entre André e a família pode ser uma relação marcada pelo peso, pelo conflito, no “peso dos braços” da família. Nesse trecho, temos não apenas o diálogo de André com o irmão, mas a presença da família na voz do irmão. Como podemos notar de forma mais clara no trecho apresentado em discurso direto para a fala do irmão entre aspas: “e eu senti a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado enquanto ele dizia ‘nós te amamos muito, nós te amamos muito’” (NASSAR, 2016, p. 13). A própria repetição da fala, como um eco, carrega em si o valor ambíguo do amor associado mais uma vez ao peso no termo “aguaceiro pesado” - além da tonalidade expressa na repetição e no termo “muito”. O irmão fala pela família e carrega na sua voz o valor que André possui como resposta no diálogo familiar, o peso. Essa construção separada no discurso direto do irmão, marcada pelo pronome pessoal “nós”, traz em si a pluralidade contida na voz



do irmão, que, ao invés de se expressar no singular, uma vez que era o único que estava proferindo a fala, opta por usar um pronome e uma conjugação verbal no plural. A fala “nós te amamos muito” pode ser caracterizada pelo que Bakhtin (2015) chama de “construção híbrida”. A saber:

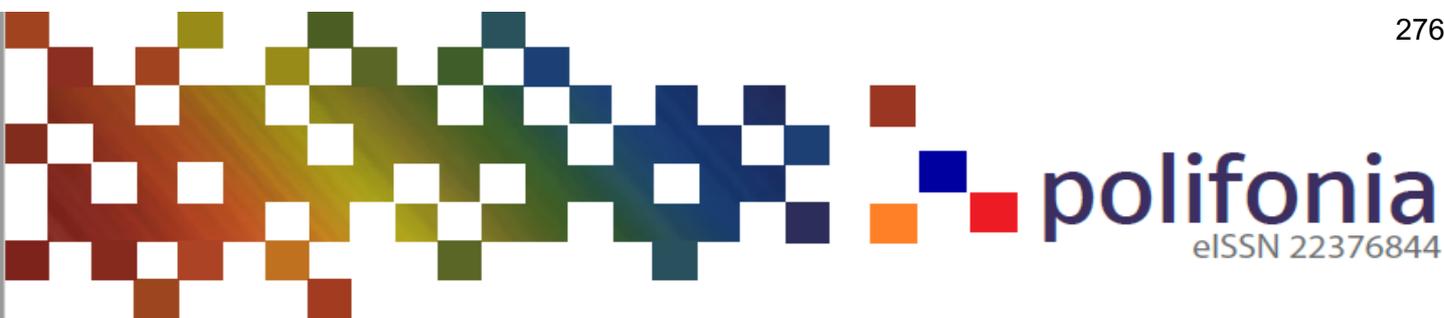
Chamamos de construção híbrida um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas “linguagens”, dois universos semânticos e axiológicos (BAKHTIN, 2015, p. 84).

Nessa construção híbrida a que nos referimos, isto é, “nós te amamos muito”, o enunciado pertence ao irmão de André enquanto falante, porém, nela podemos encontrar duas linguagens e todo o sentido plural que elas indicam; ou seja, os valores do irmão mesclam-se aos valores da família - e essa pluralidade, a cooperação entre valores, intensifica a função semântica e axiológica do peso, sentido por André e associado à família. Partindo do princípio de que se trata de uma construção híbrida, fenômeno que se apresenta na materialidade da obra, nós podemos ainda verificar, na esfera das vozes sociais, a presença daquilo que Bakhtin (2015) descreve como “bivocalidade”. De acordo com Bakhtin (2015, p. 113; grifos do autor),

O heterodiscurso introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é *discurso do outro na linguagem do outro*, que serve à expressão refratada das intenções do autor. A palavra de semelhante discurso é uma *palavra bivocal especial*. Ela serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor.

Ao optar pela expressão no plural dentro da fala de um único personagem, o autor traz para dentro do texto as vozes sociais que nós leitores só tomamos conhecimento mais adiante na narrativa e que já influenciam o personagem de André. Podemos interpretar que o projeto do autor seria justamente iniciar a inserção dos discursos sociais que se desenvolvem ao longo da obra. Na palavra bivocal do irmão já está contida a voz da família, a linguagem do outro, e, com isso, os valores sociais que permeiam a obra e se associam a essa voz, a saber: o valor da religião em constante tensão com o valor do profano. Dessa forma, acostumamo-nos ao ambiente de vozes ao qual o autor está nos apresentando. Observemos o trecho a seguir:

E eu que achava inútil dizer fosse o que fosse passei a ouvir (ele cumpria a sublime missão de devolver o filho tresmalhado ao seio da família) a voz de meu irmão, calma e serena como convinha, era uma oração que ele dizia quando começou a falar



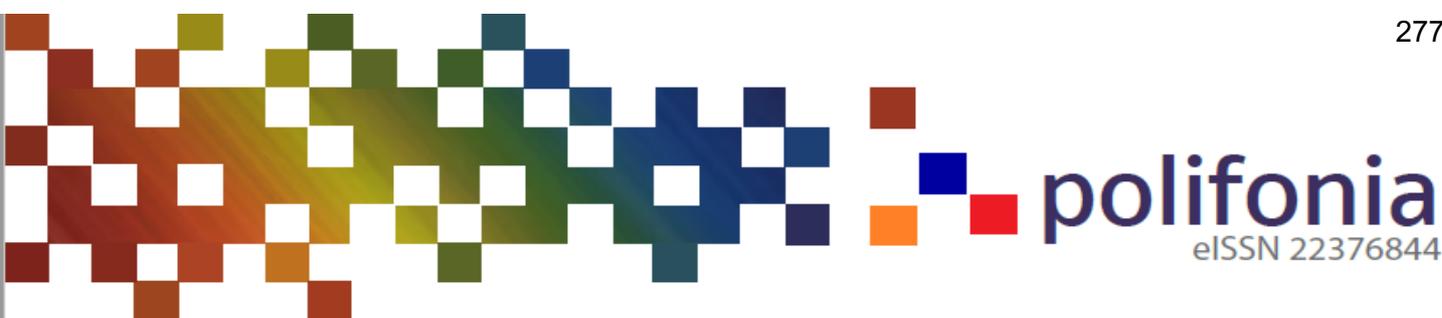
(era o meu pai) da cal e das pedras da nossa catedral (NASSAR, 2016, p. 20).

Como vimos anteriormente, ao ser introduzido na obra, o heterodiscurso é discurso do outro (BAKHTIN, 2015), e é justamente na percepção da bivocalidade presente na construção do texto que podemos notar valor social da família e da religião, trazidos para dentro da obra pela voz da família, mais uma vez mesclada na fala do irmão. No trecho acima, não temos um discurso direto como na citação anterior, porém a fala do personagem André refrata o discurso do seu irmão deixando claro a impressão que este causa nas suas palavras. Aqui podemos notar a interpretação de André sobre a intenção do seu irmão: “devolver o filho tresmalhado ao seio da família”. O termo “tresmalhado” carrega em si tanto a noção de fuga, de afastamento, como a noção de um caráter animalesco, uma vez que o termo também é utilizado para o gado quando foge do rebanho. Segundo as palavras de André, a voz do seu irmão era uma “oração” e, além disso, era o seu próprio pai falando “da cal e das pedras da nossa catedral”. Ora, o trecho nos apresenta, por meio do hibridismo dessa construção, a voz do pai nas palavras do irmão refratadas pelo próprio André - que recebe toda a carga axiológica do trecho. Aqui podemos observar mais uma vez a tensão entre o discurso religioso e a figura daquele que se afastou como força contrária a esse discurso. Os termos “sublime missão”, “oração” e “catedral” carregam no seu valor ideológico a presença do discurso religioso e disputam com o termo “filho tresmalhado” que, por sua vez, traz o valor oposto, do afastamento desse discurso (assim como da família que aqui se confunde com a instância religiosa), do profano e do animalesco.

A presença do discurso religioso em conflito com o profano<sup>5</sup> apresenta-se também quando olhamos para a obra enquanto um enunciado que se comunica com outros enunciados ao longo dos séculos. O trecho em questão (assim como toda a obra) dialoga com a narrativa bíblica da parábola do filho pródigo (ou, em algumas versões, do filho reencontrado). O texto da parábola por ser encontrado no Novo Testamento, no evangelho de Lucas (capítulo 15, versículos 11-32). Assim como no texto bíblico, André afasta-se da família e depois retorna para o seu lar. As relações dialógicas desenvolvidas pelo autor entre o romance e a parábola ajudam a expandir os sentidos de ambas as narrativas. Aproveitando a presença do discurso

---

<sup>5</sup> Não é o propósito deste trabalho adentrar a questão da carnavalização da literatura. Vale destacar, no entanto, que, para Bakhtin (2010), essa combinação entre sagrado e profano, elevado e baixo, grande e insignificante etc. é uma das categorias carnavalescas chamada de profanação.



bíblico no imaginário da cultura ocidental, além do fato de estarmos em um país de maioria cristã – em todas as suas vertentes, o diálogo entre os textos enriquece a nossa compreensão. Na narrativa bíblica, o filho mais novo deixa sua residência e acaba gastando sua parte das riquezas do pai, voltando para casa depois de enfrentar a pobreza e a fome. Como podemos perceber no trecho a seguir:

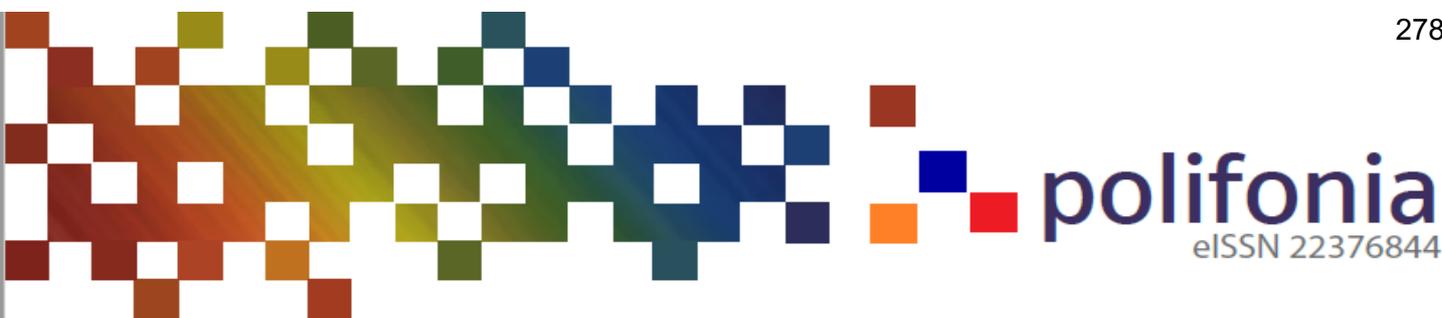
Ele disse ainda: Um homem tinha dois filhos. O mais moço disse ao seu pai: ‘Pai, dá-me a parte de bens que me cabe’. E o pai fez para eles a partilha dos seus bens. Poucos dias depois, o filho mais moço, tendo juntado o dinheiro, partiu para uma região longínqua e aí dissipou os seus haveres numa vida desregrada. E quando acabou de gastar tudo, uma grande fome sobreveio naquela região, e ele começou a passar necessidades. [...] Vou ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho (EVANGELHO SEGUNDO LUCAS, 1994, p. 2011-2012).

A obra que estamos analisando, por sua vez, propõe algumas transgressões da parábola, coloca o personagem André em uma situação parecida, porém, em um contexto no qual podemos avaliar os motivos da partida - uma vez que aqui não é André (considerando sua relação com o filho mais novo na parábola) que decide voltar, mas o seu irmão que o procura e o traz de volta, como o “filho tresmalhado”. A inversão da motivação para o retorno nos permite questionar o posicionamento axiológico tanto do filho mais novo, na parábola, como de André em Lavoura Arcaica. Levando em consideração que, nos dois enunciados, o pai (a família e, em última instância, a representação de Deus no discurso religioso) representa a figura de autoridade, dessa forma, percebemos dois posicionamentos diferentes.

Bakhtin (2015, p. 137-138) afirma sobre o “discurso autoritário”:

O discurso autoritário exige de nossa parte um reconhecimento incondicional e nunca um domínio livre e uma assimilação com meu próprio discurso. Por isso ele não permite nenhum jogo com um contexto que o moldura, jogo com seus limites, nenhuma transição vacilante, variações estilizantes livremente criadoras. Ele penetra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, precisa ser integralmente confirmado ou integralmente refutado.

Percebemos que esse embate dialógico entre as duas narrativas citadas pode ser compreendido enquanto exemplos de posicionamentos responsivos frente a discursos autoritários. Como vimos acima, não podemos senão confirmar ou refutar esse tipo de discurso. Enquanto o filho mais novo aceita o autoridade axiológica do pai ao retornar por conta própria para casa, posicionando-se de modo que o seu retorno reconhece a autoridade

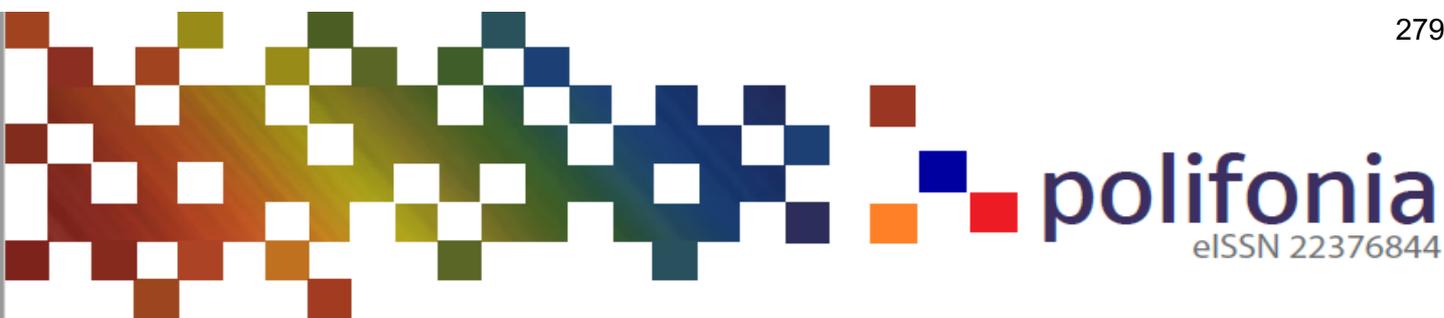


paterna, André posiciona-se de modo contrário, ao ir embora abandonando toda a família, negando o discurso que ele não pode mudar e voltando apenas com a intervenção do irmão que o procurou e trouxe de volta.

Podemos observar a presença objetiva do discurso autoritário do pai no trecho a seguir:

O mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo, emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado; e nenhum entre nós há de transgredir esta divisa, nenhum entre nós há de estender sobre ela sequer a vista, nenhum entre nós há de cair jamais na fervura desta caldeira insana, onde uma química frívola tenta dissolver e recriar o tempo; não se profana impunemente ao tempo a substância que só ele pode empregar nas transformações, não lança contra ele o desafio quem não receba de volta o golpe implacável do seu castigo (NASSAR, 2016, 58-59).

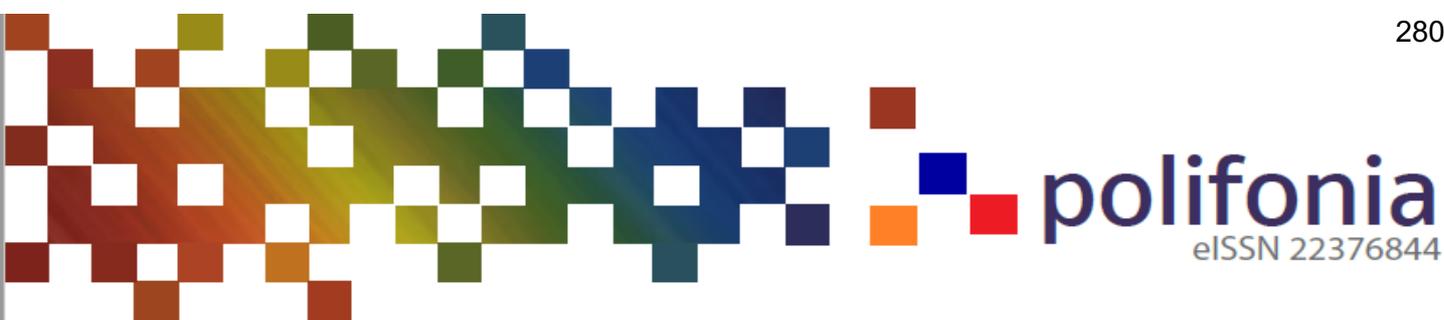
O trecho acima está no capítulo 9, que, em praticamente toda a sua extensão, apresenta-se como um sermão do pai para toda a família na mesa. Como vimos em Bakhtin (2015), o discurso autoritário não permite variações de estilo, logo, o sermão do pai, que carrega em si a autoridade em meio a qual André se revolta antes de partir, é apresentado entre aspas na obra. Dessa forma, a integralidade das palavras do pai permanece intacta. Em meio ao sermão, podemos encontrar diversas referências que intensificam a disputa axiológica apresentada no primeiro trecho citado em nossa análise, a saber: o sagrado e o profano. O pai, no entanto, insere os valores que lutam na obra por meio da presença ilustrativa do tempo e das paixões, representando, respectivamente, o sagrado e o profano. Como podemos perceber, o discurso do pai alerta para o perigo das paixões e, sobretudo, para as consequências de ceder a elas. Os termos: “desequilíbrio”, “trevas”, “caldeira insana”, “química frívola” e “profana” trazem para a narrativa esses valores que o pai associa ao que ele caracterizou como paixões, que aqui assumem o valor do profano (assim como o animalesco assume em outro lugar). O seu alerta do patriarca da família, em seu sermão, tem como objetivo proteger a todos que a constituem. Aqui, temos novamente o uso do pronome pessoal “nós” para agrupar sob a voz autoritária do pai o peso de toda uma família, como no trecho: “e nenhum entre nós há de transgredir esta divisa, nenhum entre nós há de estender sobre ela sequer a vista, nenhum entre nós há de cair [...]”. Observamos, portanto, uma relação dialógica entre esse trecho e o outro trecho no qual o irmão pronunciava sozinho o “nós” que oprimia André; aqui, da



mesma forma, o “nós” reprime e ameaça (ao trazer em seu discurso o valor do “castigo”).

Quando nos propomos a compreender o conteúdo da obra como um todo enunciado, podemos descrevê-lo como a recusa (a negação) e as consequências dessa recusa de toda uma tradição autoritária e opressora - que já se apresenta desde o título da obra - o termo “Arcaica” carrega toda a força da tradição familiar que pesa sobre André. Relacionando essa interpretação do conteúdo com a forma que André responde à autoridade do pai, perguntamos de que forma o autor se posiciona em relação ao conteúdo. Levando em consideração o contexto de lançamento da obra, no Brasil, ano de 1975, são necessárias algumas considerações para buscar a compreensão da obra como foi compreendida em seu contexto de produção. Se nós interpretamos o romance como uma reacentuação da narrativa do filho pródigo, por exemplo, não podemos deixar de desenvolver um diálogo com o discurso de autoridade de ordem política que se apresentava no ano de 1975 - ano que se localiza no período do regime militar ditatorial. Um período marcado por censura de diferentes ordens, seja jornalística ou artística. A pesquisa de Bissolli (2018), por exemplo, aborda a forma como os jornais da época noticiaram a morte do jornalista Vladimir Herzog - evento característico do período em questão que aconteceu no mesmo ano de publicação de *Lavoura Arcaica*. Assim como os jornais estavam sob influência do regime ditatorial, podemos inferir que esse momento na história do Brasil influenciou toda a cultura da época. A produção artística, em meio à autoridade da censura, também precisava posicionar-se. Ao entendermos a obra, e o posicionamento do autor-criador em relação ao seu conteúdo, como uma negação de uma autoridade de ordem religiosa - podemos traçar uma relação dialógica com a negação de uma autoridade de ordem política, pois os dois tipos de discurso podem assumir a forma de um discurso autoritário. Raduan Nassar encontrava-se em um meio cultural e político que exigia de qualquer produção artística o que se exige em frente ao autoritário, um posicionamento.

Da mesma forma que a narrativa em *Lavoura Arcaica* encontra significação social em seu tempo por meio da relação dialógica entre a resistência política e a resistência religiosa, uma vez que ambas disputam com formas de discurso autoritário, assim também o sentido da revolta ecoa no tempo além do contexto da sua produção - *Lavoura Arcaica* pode ser caracterizado pelo lirismo da linguagem, pelas metáforas, mas além disso sempre ecoa o valor da revolta e das consequências de se revoltar. A forma como André conseguiu posicionar-se



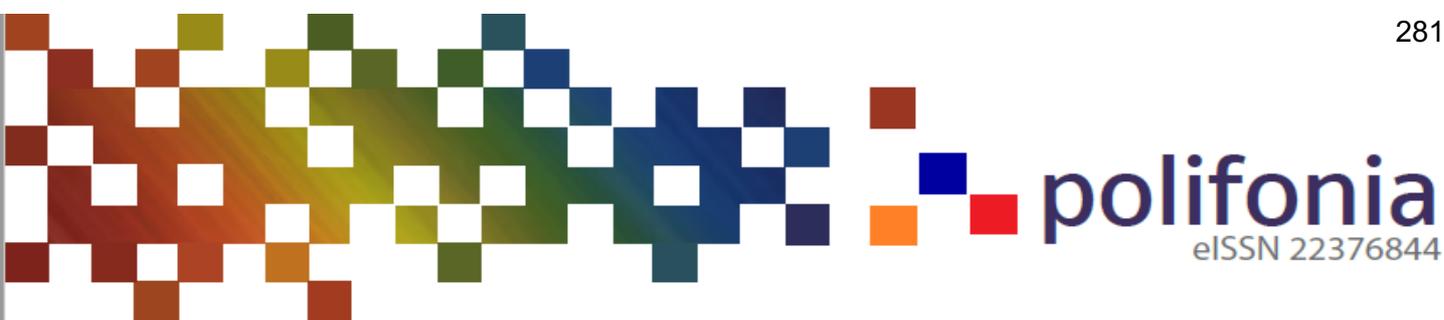
de forma contrária ao discurso religioso que era trazido pela família na função do peso foi justamente pela oposição discursiva. Em resposta ao peso do sagrado, como vimos, André defendia-se pelo valor profano, seja nos termos que apontavam o corpo, o físico ou ainda o animalesco - esse posicionamento em sua linguagem o afasta do sagrado opressor característico da família.

#### 4 Considerações finais

Este trabalho teve o objetivo de identificar vozes sociais/axiológicas ao longo do romance *Lavoura Arcaica*, com ênfase na análise da formação ideológica do personagem André, em meio ao conflito de valores da família. Para tal, em primeiro lugar, discutimos alguns conceitos relacionados ao dialogismo e, em especial, ao discurso no romance, o heterodiscurso, bem como a relação da literatura com a cultura, as tarefas analíticas propostas por Bakhtin e o papel de cocriador do analista. Com base nesses conceitos, analisamos alguns excertos do romance, o que nos levou à necessidade de discutir, também, o conceito de formação ideológica do homem/personagem, como decorrente da tensão entre o discurso autoritário e o interiormente persuasivo.

Concluimos, dessa forma, que *Lavoura Arcaica* apresenta um conjunto de vozes e valores sociais em diálogo e disputa, dentre os quais está a tensão entre o sagrado e o profano, sendo o profano a maneira como o personagem se posiciona ideologicamente em relação ao valor sagrado. Diante disso, o profano adquire, axiologicamente, a função da contrariedade, da revolta contra o discurso autoritário do pai (e da família), saturado na sua tradição e religiosidade. Vimos que o discurso autoritário do pai – seja pelo intermédio da voz do irmão (direta ou indiretamente) ou ainda pela forma isolada na qual os demais personagens se calam – assume uma narrativa entre aspas, como esclarece Bakhtin (2015), mantendo a integridade do que ele fala intacta, autoritária.

Percebemos, também, que a revolta de André e o fato de ter saído de casa encontram eco na narrativa bíblica. Justamente nesse diálogo, a sua revolta, incorporada de valor profano, ao dialogar com o sagrado bíblico, assume e intensifica-se na revolta axiologicamente marcada, no seu posicionamento diante do peso da família. Retomando as



considerações metodológicas no dialogismo bakhtiniano, vimos, ainda, que a obra, em seu contexto de publicação, desenvolve um discurso de revolta de ordem religiosa que pode disputar valores ideológicos na relação dialógica com o seu contexto político - que também adquire valor axiológico de recusa, de revolta. Abordada seja em seu próprio contexto ou no elo de enunciados ao longo dos séculos, *Lavoura Arcaica* alcança tanto os discursos políticos de sua época como os discursos religiosos, como a narrativa bíblica no grande tempo.

## Referências

ARÁN, P. Bajtín y Lotman: paradigmas y nuevos espacios culturales. *In*: ARÁN, Pampa. **La herencia de Bajtín: reflexiones y migraciones**. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2016. p. 47-62.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 9-20.

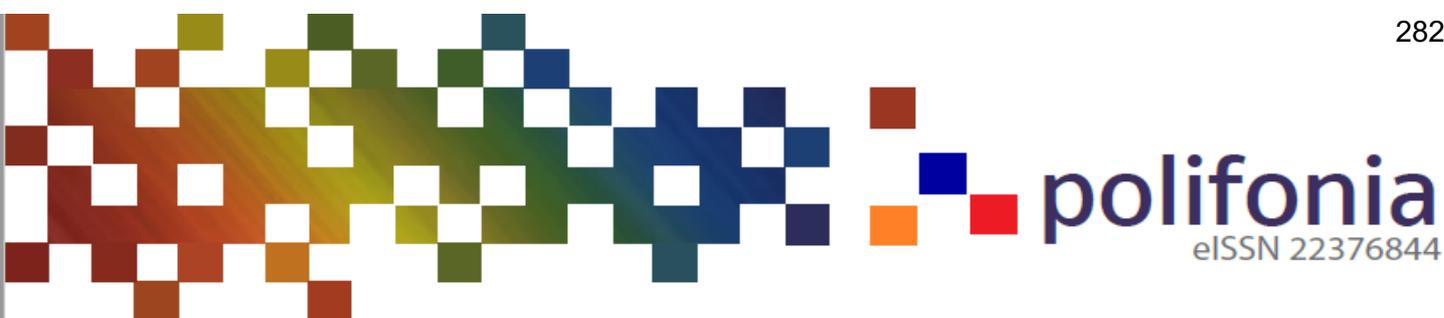
BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 21-56.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BEZERRA, P. Bakhtin: remate final. *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 81-97.

BISSOLLI, C. J. M. **Como foi noticiada a morte do jornalista Vladimir Herzog pelos jornais: Unidade do sindicato dos jornalistas, Folha de S. Paulo e O estado de São Paulo?**. 2018. 16f. Trabalho de conclusão de curso - Artigo. Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.



CARDOSO, B. Formas do cronotopo em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. **REVELL**, n. esp., 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3408>. Acesso em: 15 maio 2020.

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS. In: **Bíblia**: tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 1966-2035.

FLORENTINO, C. Um escuro poço: a memória enferma. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 5, p. 215-222, dez. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3455>. Acesso em: 15 maio 2020.

LOTITO, D. P. Estilo, metáforas, amor e sexo em *Lavoura Arcaica*. **Estudos Linguísticos**, v. 36, n. 3, p. 335 / 341, set.-dez. 2007.

MOTA, B. C. Uma partitura da tensão: dialogismo e poesia em *Lavoura arcaica*. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 157-175, Jan./Jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/13769/11703>. Acesso em: 15 maio 2020.

MOTA, B. C. Kitab al-Amthal: arena de disputa em *Lavoura arcaica*. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 10, n. 18, p. 69-84, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14310>. Acesso em: 15 maio 2020.

NASSAR, R. *Lavoura Arcaica*. In: NASSAR, R. **Obra Completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 7-200.

SANTOS, A. B. G. A lei do pai e o desejo: interdito e transgressão da ordem familiar em *Lavoura Arcaica*. **Estação literária**, Londrina, V. 13, p. 62-75, jan. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/seer/index.php/estacaoliteraria/article/view/27048/19514>. Acesso em: 15 maio 2020.

TARDIVO, R. C. Da literatura à psicanálise implicada em *Lavoura arcaica*. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan.-Jun. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/912/971>. Acesso em: 15 maio 2020.